

**Hibridismo Cultural em Angola: Lingala na Música, na Mídia e no
Cotidiano Urbano**

**Cultural Hybridity in Angola: Lingala in Music, Media, and Urban Daily
Life**

Eduardo David Ndombele

Instituto Superior de Ciências de Educação do Uíge - Angola

<https://orcid.org/0000-0002-5832-6391>

Miriam Brito da Cunha

Pesquisadora independente -Brasil

<https://orcid.org/0000-0001-6884-7142>

RESUMO

O presente artigo pretende analisar o hibridismo cultural em Angola a partir da presença e influência do Lingala língua originária da República Democrática do Congo o seu uso na vertente da música, da mídia e no dia-a-dia. A migração e as trocas culturais entre Angola e países vizinhos, especialmente desde o período colonial e durante os conflitos armados, favoreceram a circulação de música, ritmos e expressões linguísticas de lingala, que passaram a integrar o cenário cultural angolano. A música, notadamente gêneros como *rumba congolese*, *ndombolo* e *sebene*, tem desempenhado papel central na difusão do Lingala, não apenas como língua, mas como veículo de valores, códigos e estilos de vida. Esse processo se estende à mídia, onde programas de rádio e televisão incorporam expressões e músicas em Lingala, e ao cotidiano urbano, em que jovens e comunidades utilizam palavras, expressões e gestos associados a essa cultura. O estudo é de abordagem qualitativa, utiliza observação participante e análise de conteúdo para compreender como o Lingala atua como marcador identitário e como símbolo de hibridismo cultural, contribuindo para a construção de identidades urbanas híbridas e para a redefinição da “angolanidade” em um contexto de globalização e multiculturalismo.

PALAVRAS-CHAVE

Hibridismo Cultural.Lingala.Angola.

ABSTRACT

This article aims to analyse cultural hybridity in Angola by examining the presence and influence of Lingala, a language originating from the Democratic Republic of Congo, in the realms of music, media, and everyday life. Migration and cultural exchanges between Angola and neighbouring countries, particularly since the colonial period and during the armed conflicts, have facilitated the circulation of music, rhythms, and linguistic expressions in Lingala, which have become integrated into the Angolan cultural landscape. Music especially genres such as Congolese rumba, ndombolo, and sebene has played a central role in the dissemination of Lingala, not only as a language but also as a vehicle for values, codes, and lifestyles. This process extends to the media, where radio and television programmes incorporate expressions and songs in Lingala, as well as to urban daily life, where young people and communities use words, expressions, and gestures associated with this culture. The study adopts a qualitative approach, using

participant observation and content analysis to understand how Lingala functions as an identity marker and as a symbol of cultural hybridity, contributing to the construction of hybrid urban identities and to the redefinition of “Angolanity” in a context of globalisation and multiculturalism.

KEYWORDS

Cultural Hybridity. Lingala. Angola.

Introdução

O presente artigo surge como resposta ao convite que nos foi endereçado pela graduada Mirian Brito da Penha, autora de um trabalho de fim de curso sobre a cultura e a língua lingala em contexto angolano. Penha,(2023) apresentado na UNILAB tema que despertou a nossa atenção pelo fato de uma pesquisadora brasileira interessar-se pela situação sociolinguística de Angola. Tal interesse é particularmente relevante, considerando que essa abordagem é, muitas vezes, evitada por pesquisadores angolanos devido às conotações que a língua lingala carrega desde a ascensão da nossa independência nacional. Aceitamos com agrado o convite para, juntos, apresentarmos o estudo intitulado “Hibridismo Cultural em Angola: Lingala na Música, na Mídia e no Cotidiano Urbano”. Esperamos que este artigo desperte a consciência de muitos pesquisadores e, sobretudo, de estudantes universitários quanto à presença do lingala por meio da música e à sua ampla circulação em praticamente todas as 21 províncias de Angola.

De Cabinda ao Cunene, é improvável não ouvir o lingala falado numa esquina, numa praça ou em músicas veiculadas pela mídia. Objetivo: Analisar a presença e a influência da língua lingala na música, na mídia e no cotidiano urbano angolano, destacando o seu papel como elemento de hibridismo cultural e sua difusão no território nacional.

Hipótese: Supõe-se que a música, como principal veículo de divulgação do lingala, associada à sua presença constante na mídia e nas interações sociais cotidianas, tem contribuído de forma significativa para a manutenção e expansão do uso dessa língua em Angola, independentemente de fronteiras geográficas ou barreiras políticas.

Justificativa: A relevância deste estudo reside no fato de que o lingala, embora não seja reconhecido como língua nacional oficial de Angola, tem adquirido grande visibilidade no cenário cultural, especialmente através da música popular urbana. A sua presença crescente na mídia e no dia a dia das cidades angolanas aponta para um fenômeno de hibridismo linguístico e cultural que merece ser compreendido e debatido. A pesquisa busca contribuir para preencher uma lacuna nos estudos sociolinguísticos nacionais, ao analisar um tema frequentemente marginalizado devido a interpretações históricas e políticas. Metodologia: O estudo adota uma abordagem qualitativa, com base em pesquisa bibliográfica, análise de letras de músicas em lingala de grande circulação em Angola, permitindo compreender a dimensão e o impacto do lingala no contexto angolano contemporâneo.

O Lingala no Contexto Sociolinguístico Angolano: Tensões e Dinâmicas de Hibridismo Cultural

Embora o *lingala* não seja uma língua de origem angolana, a sua presença em Angola é incontestável, sobretudo nas regiões fronteiriças com a República Democrática do Congo (RDC) as Províncias de Cabinda, Zaire, Uíge, as Lundas,

Moxico e nas grandes áreas urbanas, como Luanda. Proveniente da família bantu e amplamente difundido na África Central, o *lingala* chegou a Angola não apenas por deslocamentos populacionais, mas também como um produto cultural de alto impacto, impulsionado principalmente pela música congoleza, tanto secular quanto gospel.

No entanto, a inserção do *lingala* no espaço angolano evidencia um paradoxo linguístico: apesar de ser amplamente falado e reconhecido socialmente, a língua permanece ausente do quadro de línguas nacionais oficialmente reconhecidas. Essa omissão na política linguística contrasta com a sua visibilidade na vida cotidiana, constituindo uma situação de “presença não reconhecida” que desafia a estrutura formal de gestão das línguas em Angola.

Ndombele e Bonifacio(2022) esclarecem que é comum ouvir-se indivíduos que se expressam em *lingala* desde o corredor dos Camarões até à África do Sul. A música congoleza foi e continua a ser um dos principais veículos de propagação do *lingala*, graças aos seus ritmos e batidas característicos. A título ilustrativo, destaca-se o “rei da rumba” Franco Luambo Makiadi, que, durante cerca de quatro décadas, promoveu a indústria musical congoleza, gravando mais de 100 álbuns e atraindo públicos de todas as idades. Igualmente relevantes são figuras como Papa Wemba, nome de destaque na world music, e Tabu Ley Rochereau, prolífico compositor e vocalista de renome continental.

O principal veículo de propagação do *lingala*, desempenha, no contexto angolano, um papel que transcende o entretenimento. Ela se configura como instrumento de resistência cultural e de reafirmação identitária transnacional, conectando comunidades angolanas a uma rede cultural centro-africana. Ritmos de *rumba*, *soukous* e *ndombolo* não apenas popularizam a língua, mas também reconstróem a paisagem sonora e simbólica das cidades angolanas.

Nas zonas urbanas, o *lingala* assume funções sociolinguísticas complexas e multifacetadas. Ele opera não apenas como um código de inclusão em comunidades migrantes especialmente aquelas originárias ou conectadas à República Democrática do Congo (RDC) mas também como um marcador identitário transnacional que articula pertencimentos culturais, históricos e afetivos à África Central. Sua presença nas interações cotidianas, nos espaços de lazer e nas redes sociais revela uma dinâmica linguística que escapa às categorias oficiais impostas pelas políticas linguísticas angolanas.

Ao mesmo tempo, o *lingala* carrega uma carga simbólica ambivalente. Por um lado, é celebrado como expressão de modernidade, cosmopolitismo e conexão com uma cena cultural panafricana; por outro, é frequentemente associado a memórias históricas de conflitos armados, intervenções militares e tensões diplomáticas entre Angola e a RDC, particularmente durante os períodos da guerra civil angolana e das guerras no Congo. Essa ambiguidade influencia diretamente a forma como a língua é percebida por setores da sociedade que priorizam um nacionalismo linguístico centrado nas línguas nacionais reconhecidas oficialmente (como o umbundu, kimbundu e kikongo), levando, em alguns contextos, à sua estigmatização ou marginalização discursiva.

Diante disso, compreender o *lingala* no contexto angolano exige ir além de sua origem geográfica ou de sua simples difusão como língua estrangeira. É fundamental analisar as tensões entre políticas linguísticas normativas e práticas sociais reais, bem como reconhecer o papel da língua como vetor de hibridismo cultural, mediação simbólica e agência social. Sua circulação pela música especialmente gêneros como a rumba, o soukous e o ndombolo, pela mídia digital

e pelas interações urbanas cotidianas não apenas populariza o idioma, mas também reconfigura os repertórios linguísticos e identitários das novas gerações angolanas, desafiando fronteiras rígidas entre o “nacional” e o “estrangeiro”.

O Lingala na Música Gospel e na Música Secular: Comparações de Impacto em Angola

O Lingala chega e se consolida no espaço sociolinguístico angolano por dois canais musicais predominantes: a música gospel e a música secular (popular). Estes canais, cada um com dinâmicas de difusão e significados culturais distintos, atuam de forma complementar na consolidação da língua. A presença do Lingala em Angola intensificou-se particularmente após a independência (1975), com o regresso de muitos angolanos que haviam se refugiado nos dois Congos (Brazzaville e Kinshasa) durante o período colonial, trazendo consigo a língua e a cultura musical congolese.

A Música Gospel em Lingala representa um canal de alto prestígio e alcance. Sua difusão ocorre principalmente através de igrejas pentecostais e evangélicas, cujos cultos e eventos são amplamente transmitidos por rádio, televisão e plataformas digitais. As mensagens são centradas na fé, adoração e valores espirituais, estabelecendo uma atmosfera de solenidade e grande carga emocional. Esse canal introduz o Lingala a públicos que, muitas vezes, não têm contato prévio com a língua em contextos seculares. Os fiéis memorizam refrões e expressões, adquirindo um vocabulário básico associado ao louvor. O uso do Lingala no gospel cria uma ponte identitária que transcende fronteiras, aproximando Angola de redes religiosas transnacionais da África Central, e a língua é percebida como um veículo espiritual e sagrado. Na visão de Ndombele e Bonifacio (2022), a música gospel se consolidou como um dos meios mais significativos de expansão do Lingala, quebrando barreiras geográficas e linguísticas através de músicos como Moïse Mbiye e Mike Kalambay, cujos trabalhos são amplificados pelas plataformas de streaming e transmissões televisivas.

Em contrapartida, a Música Secular em Lingala atua como o canal de difusão de massas, ligando a língua à vida urbana e ao lazer. É difundida em shows, festas, discotecas e no cotidiano de transportes públicos e mercados. As letras abordam temas de amor, vida urbana e estilos de vida, impulsionadas por ritmos dançantes como rumba, soukous e ndombolo. Atinge um público amplo, especialmente jovens urbanos, que incorporam expressões e gírias em Lingala no seu cotidiano, promovendo um bilinguismo funcional ou parcial. O Lingala na música secular está associado a lazer, prestígio cultural e uma identidade cosmopolita moderna. No entanto, sua popularidade pode gerar resistência, sendo alvo de críticas por setores nacionalistas que veem sua expansão como uma “influência estrangeira” excessiva sobre a cultura angolana.

Raízes Históricas e o Impacto Político

A influência da música congolese, e por extensão do Lingala, possui raízes profundas que se ligam à história política da região. Segundo Wheeler (2002), “No final da década de 1930 e no início de 1940 nos países agora chamados a República do Congo e a República Democrática do Congo uma revolução sonora se realizou, uma revolução que anunciou a revolução política e a expulsão da ocupação colonial 20 anos depois.”

A análise de Wheeler (2002) demonstra que a música congolese não foi apenas uma expressão artística, mas uma força catalisadora de transformações

políticas e sociais. O florescimento musical com o surgimento e a consolidação de gêneros como a rumba congoleza foi um prenúncio da emancipação, transformando-se em um veículo de identidade cultural, orgulho nacional e coesão social. As letras e ritmos veicularam simbolicamente a resistência e a afirmação africana frente à cultura europeia dominante.

No contexto angolano contemporâneo, os canais gospel e secular não competem, mas sim complementam-se. O gospel garante a aceitação e o respeito pela língua em ambientes de fé, enquanto a música secular assegura a sua presença no lazer e na esfera urbana. Juntos, esses vetores reforçam a posição do Lingala como uma língua de hibridismo cultural, que é ao mesmo tempo simbólica e funcional para a sociedade angolana.

O Impacto Transfronteiriço da Música Gospel em Lingala no Contexto Angolano

A música gospel em lingala, língua de origem bantu amplamente falada na República Democrática do Congo e em algumas regiões de Angola (sobretudo na fronteira norte), é um fenómeno cultural e espiritual que transcende fronteiras. Ela atua como um elo entre comunidades cristãs de diferentes países, unindo-as pela fé, pela língua e pela música. No norte de Angola, especialmente nas províncias de Cabinda, Uíge e do Zaire, o lingala é uma língua viva no dia-a-dia e na adoração cristã. Muitos grupos corais e artistas angolanos, inspirados por grandes nomes do gospel congolês, têm produzido músicas que combinam harmonias africanas, ritmos dançantes e letras bíblicas, promovendo um culto vibrante e inclusivo.

A letra completa, em lingala, e em seguida a tradução aproximada do refrão de **“Ye Oyo” do conceituado músico gospel** Moïse Mbiye, muito cantada e dançada nos casamentos:

Letra em Lingala : Trecho do Refrão de “Ye Oyo” (Moïse Mbiye)

Ye oyo, bolingo na ngai ye oyo

Na lotaki yango na ndoto

Losambo efuti pe nga yo

Ye oyo, kobomba esili ye oyo

Ata ba mbongé ye oyo

Elamba yango ya ngo’yo

Tradução aproximada para o português

“Ye oyo” “É ele (ou ela) este (aqui)”

“Bolingo na ngai ye oyo” “É o meu amor, este (é o meu amor)”

“Na lotaki yango na ndoto” “Aquele de quem sonhei”

“Losambo efuti pe nga yo” “A minha oração se cumpriu”

“Kobomba esili ye oyo” “Chegou o momento, é este (revelado)”

“Ata ba mbongé ye oyo” “Mesmo em meio às dificuldades, este (permanece)”

“Elamba yango ya ngo’yo” “A minha vestimenta é este; vesti-lo(a) é meu (ou é ele/ela que veste de modo completo)”

A música gospel serve a vários propósitos, tanto espirituais quanto sociais, e o seu impacto nas pessoas é profundo e multifacetado. Em termos gerais, podemos organizar assim:

1. Função espiritual

Adoração e louvor: O objectivo central é glorificar a Deus, expressando gratidão, reverência e devoção.

Evangelização : A letra é usada para transmitir mensagens bíblicas e valores cristãos de forma acessível e emocional. Muitas canções atuam como “sermões cantados”, encorajando a fé e a esperança.

2. Função emocional e psicológica

Consolo em tempos difíceis : Músicas gospel trazem palavras de esperança para quem enfrenta luto, doença ou crise.

Fortalecimento da fé: A repetição de mensagens positivas ajuda a internalizar a confiança em Deus.

Redução de ansiedade e estresse : O ritmo, a melodia e as letras geram paz interior.

A música esteve presente em várias momentos ao longo da história. Ela já foi jingle, slogan, foi usada nas batalhas como estímulo aos soldados, na adoração aos deuses e também nas calçadas em inúmeros movimentos revolucionários. É usada nos rádios e inúmeros meios de comunicação para influenciar tanto positiva quanto negativamente, pois é formadora de opinião. Foi a música que impulsionou o povo de Israel a celebrar e comemorar a vitória diante da trágica derrota de faraó. (Barbosa,2017)

Discussão

A música tem desempenhado um papel central como veículo de difusão do lingala em Angola, especialmente em Luanda. Historicamente, o uso dessa língua esteve associado a comunidades específicas de “regressados” provenientes da República Democrática do Congo, concentradas em bairros como Petrangol, Mabor, Rocha Pinto e Palanca, onde o lingala era falado intensamente, praticamente 24 horas por dia. Esses espaços funcionavam como verdadeiros bastiões linguísticos e culturais, preservando não apenas a língua, mas também práticas sociais, religiosas e musicais ligadas ao universo congolês.

Com o tempo, o lingala rompeu as barreiras geográficas desses bairros e expandiu-se para toda a cidade, tornando-se onipresente no espaço urbano de Luanda. Atualmente, pode-se ouvi-lo em táxis, autocarros públicos, mercados, corredores de ministérios, hospitais, universidades, escolas, quartéis e esquadras. Essa difusão demonstra que o lingala já não é apenas uma marca identitária de grupos específicos, mas sim um elemento vivo do hibridismo cultural angolano.

A música é o principal motor dessa expansão. Tanto na vertente gospel quanto na secular, o lingala conquista novos espaços simbólicos e afetivos. A música gospel em lingala, amplamente executada em cultos, casamentos e eventos comunitários, transcende o momento litúrgico, levando mensagens espirituais a diferentes camadas sociais. Canções como *Ye Oyo Bolingo na Nga* tornaram-se não apenas hinos de fé, mas também ferramentas de reforço linguístico e de sociabilidade entre falantes e não falantes. Já na música secular, géneros como o rumba congoleza, ndombolo e soukous popularizaram-se em Angola, veiculando o lingala em rádios públicas e privadas quase diariamente. A força rítmica e melódica dessas canções faz com que, mesmo quem não domina a língua, aprenda expressões, refrões e vocabulário básico, incorporando-os ao seu discurso cotidiano. Esse fenómeno revela um impacto cultural e linguístico duplo:

No campo religioso o gospel em lingala reforça laços comunitários e religiosos, cria pontes afetivas entre diferentes gerações e contribui para a preservação da língua como veículo espiritual. No campo social e mediático a

música secular amplia a presença do lingala na esfera pública, transformando-o em uma língua urbana de convivência, capaz de ultrapassar barreiras políticas e fronteiras nacionais. A onnipresença do lingala em Luanda, alimentada pela música e reforçada pela mídia, é um exemplo claro de como uma língua pode se manter e expandir-se mesmo em território onde não é oficial, desde que possua fortes canais de difusão cultural e valor simbólico para os falantes. O caso do lingala na capital angolana evidencia ainda a capacidade da música de funcionar como instrumento de intercâmbio cultural, dissolvendo fronteiras e consolidando novas identidades híbridas no espaço urbano.

Conclusão

Ao longo desta investigação, procurou-se analisar a presença e a influência da língua lingala na música, na mídia e no cotidiano urbano angolano, com especial atenção ao seu papel como elemento de hibridismo cultural e como força propulsora de sua difusão no território nacional. Partindo da hipótese de que a música especialmente a de origem congoleza, tanto no segmento gospel quanto no secular, aliada à sua constante veiculação na mídia e ao uso frequente nas interações sociais, tem contribuído de forma decisiva para manter e expandir o uso do lingala em Angola, buscou-se compreender a amplitude e a profundidade desse fenômeno sociolinguístico.

O problema central residiu em entender como uma língua estrangeira, originalmente vinculada a comunidades específicas de regressados, ultrapassou as fronteiras físicas e simbólicas desses espaços como os bairros Petrangol, Mabor, Rocha Pinto e Palanca — para tornar-se parte integrante da paisagem linguística e cultural de Luanda, estando presente em transportes públicos, instituições de ensino, repartições estatais, meios de comunicação e em praticamente todos os domínios da vida urbana.

A presença maciça do lingala nas rádios, plataformas digitais e espaços públicos confirma seu papel como língua de prestígio cultural informal, capaz de operar como código de inclusão, distinção e pertencimento em contextos urbanos. Essa dinâmica revela uma tensão constante entre as políticas linguísticas oficiais que excluem o lingala do rol de línguas nacionais e as práticas sociais reais, que lhe conferem visibilidade, funcionalidade e afeto.

Em síntese, confirma-se a hipótese inicial: a música, aliada à mídia e às interações cotidianas, foi e continua sendo um vetor determinante para a manutenção e expansão do lingala em Angola, especialmente em Luanda. Esse fenômeno demonstra que a dinâmica linguística na capital transcende barreiras geográficas e políticas, revelando um cenário de hibridismo cultural vivo, fluido e em constante transformação. Longe de ser um mero resíduo de migrações ou influências externas, o lingala em Angola emerge como agente ativo na reconfiguração dos repertórios linguísticos urbanos.

Diante do número crescente de falantes — muitos deles jovens nascidos em Angola, sem vínculo direto com a República Democrática do Congo — e da sua circulação cada vez mais ampla em esferas formais e informais, impõe-se uma reflexão urgente sobre o futuro do lingala no espaço sociolinguístico angolano. Seu uso já não se limita a nichos migratórios ou religiosos, mas permeia a vida cotidiana de milhões. Isso levanta questões pertinentes: como as instituições linguísticas e educacionais poderão responder a essa realidade? Será possível manter a exclusão de uma língua tão presente na prática social? E, mais importante, como reconhecer sua relevância sem negar a diversidade linguística própria de Angola?

O futuro do lingala em Angola não dependerá apenas de sua vitalidade popular, mas também da capacidade das políticas públicas de dialogar com as dinâmicas linguísticas reais e não apenas com as idealizadas. Nesse sentido, o lingala não é apenas um objeto de estudo, mas um espelho das transformações culturais, sociais e identitárias em curso nas cidades angolanas.

Referências

BARBOSA, Ana. **O ensino teológico através da música na igreja**, faculdade Baptista Pioneira- BH, 2017.

NDOMBELE, Eduardo David; BONIFÁCIO, Evangelina. A situação sociolinguística de Maquela do Zombo (Angola): perspectivas e desafios para o Ensino de Português em contexto Triglossico. **Njinga & Sepé: Revista Internacional de Culturas, Línguas Africanas e Brasileiras**. São Francisco do Conde (BA), 2(Especial): 255-269, 2022.

PEREIRA, Luena Nascimento Nunes. **Os regressados na cidade de Luanda**: um estudo sobre identidade étnica e nacional em Angola. Dissertação de Mestrado. PPGAS/USP, 2000

PENHA, Mirian (2023) A cultura e a língua lingala em contexto angolano: (des)fronteiras linguísticas.

WHELEER, Jesse: Rumba lingala e a revolução na nacionalidade. **Em pauta**, V.13 n,21,

Para citar este artigo: NDOMBELE, Eduardo David; PENHA, Miriam Brito da. Hibridismo Cultural em Angola: lingala na música, na mídia e no cotidiano urbano. **AXÉUNILAB: Revista Internacional de Estudos de Linguagens na Lusofonia**. São Francisco do Conde (BA), vol.01, nº02, p.238-245, jul./dez. 2025. (Editores: Eduardo David Ndombele & Alexandre António Timbane)

Eduardo David Ndombele, é Pós Doutor em Letras na linha de Políticas Linguísticas pela Universidade da Beira Interior ,sob orientação científica do Professor Doutor Paulo Osório Doutor em Inovação Educativa na área de Formação de Professores pela Universidade Católica de Moçambique, na linha de Português Língua não Materna. Sob orientação científica da Professora Doutora Evangelina Bonifácio. E-mail: eduardondombele422@gmail.com

Miriam Brito da Penha, Graduada em Letras - Língua Portuguesa pela Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira (UNILAB), Campus dos Malês, Bahia, Brasil. Se integrou como Representante do Diretório central dos estudantes (DCE) e Representante discente em Colegiado de Letras Língua Portuguesa, (UNILAB) (2023). Foi Bolsista no projeto de bolsa Residência Pedagógica (CAPES- UNILAB) (2024). Participa do Grupo de Pesquisa África-Brasil: produção de conhecimento, sociedade civil, desenvolvimento e cidadania global, (UNILAB). Participou como monitora no projeto de extensão Ciclo Formativo pela Universidade Federal do Recôncavo Baiano, (UFRB-Brasil) (2023). E-mail: mirianbrito95@gmail.com